

É com enorme honra e com grande orgulho que, na qualidade de Presidente da Câmara Municipal e responsável máximo pelos destinos do concelho, me dirijo aos meus concidadãos no Dia maior de Ponte de Lima, 4 de Março, data que nunca é demais recordar pela importância que detém para esta secular Terra – a outorga do Foral pela Rainha D. Teresa, acompanhada pelo seu filho, o futuro Rei D. Afonso I, em 1125.

Já lá vão, precisamente, 889 anos! São quase nove séculos de História que muito nos honra e de que todos temos obrigação de nos orgulhar.

Há quatro anos atrás, trouxe-vos aqui, neste mesmo dia, uma pequena reflexão sobre esse termo que António Ferreira e Júlio de Lemos, de entre outros, trouxeram para o léxico pontelimense e para o qual nos dias de hoje continuam a existir contributos da parte de várias individualidades, muitas delas, felizmente, presentes neste centenário Teatro Diogo Bernardes.

Refiro-me, como alguns provavelmente se recordam, a esse termo tão grato para nós e tão abrangente que é o Limianismo e ao qual não resisto a voltar, pela importância que detém na consciência de quem gere os destinos do concelho de Ponte de Lima e lidera uma equipa que quer fazer do Limianismo uma prática e não apenas mais uma palavra que muitos dirão não existir no dicionário.

Se os dicionários não a contemplam, são os dicionários que deviam acrescentá-la, atendendo, perdoem-me um certo atrevimento, à omissão e não quem se revê na plenitude do seu significado que, muitos, bem melhor que eu, souberam definir e exprimir.

Apenas a título de exemplo, palavras de António Ferreira, esse grande poeta limiano que ainda há bem pouco tempo recebeu mais uma justa homenagem em Ponte de Lima, proferidas numa conferência em 1920: *“O Limianismo é, pois, sem dúvida, um dos capítulos mais interessantes e nobres da história guerreira, lírica e erudita da alma portuguesa, porque em todos os períodos da nacionalidade aparece a gente da Beira-Lima – obreiros e artífices – a carrear e acastelar novas pedras para dar maior solidez ao edifício tradicional da Nação”*.

Julgo que este pequeno trecho é um exemplo do sentir-se limiano e do querer sempre o melhor para a Terra que nos viu nascer e onde criamos os nossos filhos e os nossos netos.

Sentimos que, na nossa acção e intervenção diária, é fundamental e obrigatório que o Limianismo influencie sobremaneira os projectos que queremos implementar e a definição das políticas que preconizamos para Ponte de Lima.

No início destas cerimónias oficiais, pudemos apreciar o resultado de autêntico Limianismo, um de entre inúmeros que poderia aqui chamar.

As inaugurações realizadas no dia de hoje são muito mais que a recuperação de dois imóveis e as competentes obras de requalificação e adaptação a unidades hoteleiras.

Fazem parte de uma política de regeneração urbana que iremos continuar a implementar e a desenvolver no terreno, pois sabemos que a recuperação do património deverá ser uma preocupação constante, melhor ainda se a soubermos aliar ao turismo e, conseqüentemente, à valorização económica, servindo de paradigma ao empreendedorismo e mostrando modelos concretos de possibilidade de investimento aos novos empreendedores.

Esse património arquitectónico associado ao património imaterial também é Limianismo puro, como está a acontecer com investimentos concretos na valorização cultural das nossas populações e, em simultâneo, numa estratégia séria de atracção de visitantes e turistas.

Refiro-me, por exemplo e de entre outros, a dois investimentos da maior importância para Ponte de Lima – o Centro de Interpretação da História Militar de Ponte de Lima, a instalar no Paço do Marquês e o Centro de Interpretação e Promoção do Vinho Verde na Casa Torreada dos Barbosa Aranha, que se encontra em adiantada fase de requalificação, estruturas que esperamos ver inauguradas a muito curto prazo.

A importância da preservação e salvaguarda do património imaterial, as representações que suportam a cultura em que estamos inseridos, inevitavelmente, conduzem-nos a reflexões sobre a importância da formação e da cultura nos tempos que se avizinham.

Mas, mais importante ainda, uma ponderação muito cuidada de qual deve ser o papel dos autarcas no presente e no futuro, principalmente com os novos desafios que se avizinham, aos quais não podemos deixar de aliar a nova divisão administrativa, com óbvias implicações no ordenamento do território, e as competências que tendencialmente serão transferidas, seja do Poder Central para os Municípios, seja dos Municípios para as Freguesias.

Hoje não é o lugar indicado para o aprofundamento da questão da forma como a mesma merece ser estudada, mas uma ligeira reflexão parece-me propositada.

Não querendo com as minhas palavras demonstrar presunções desnecessárias, com a consciência plena que as mesmas não passam de simples achegas, estou convicto que cada vez mais temos que dar lugar ao imaterial, à memória, à identidade, ao conhecimento, à cultura, à educação, à formação e à valorização das nossas populações, aliados à inovação e à criatividade, tudo devidamente sustentado pelos valores que nos caracterizam e que comumente poderíamos designar por Limianismo.

Sei que ainda necessitamos de algumas infra-estruturas essenciais e vamos procurar concretizá-las ainda neste mandato, fruto da nossa disponibilidade financeira e no âmbito do novo Quadro Comunitário de Apoio 2014-2020.

Contudo, a fase de intervenção construtiva terá que progressivamente dar lugar a acções como as que acabei de evidenciar e o autarca do presente e do futuro terá que estar mais atento para outras áreas como sejam o apoio social e o apoio ao empreendedorismo.

O primeiro, o apoio social não poderá nunca ser colocado de lado, pois sabemos que a sociedade globalizante, sempre em velocidade vertiginosa, esquece muitas vezes os mais fracos e os mais desfavorecidos.

Para eles, o autarca do presente e do futuro terá que ter sempre uma tenção especial e a vontade necessária para criar as condições imprescindíveis a um combate eficaz às assimetrias existentes no que concerne às condições de vida das populações, com especial preocupação junto dos mais jovens e dos idosos.

De igual forma, fazendo verdadeiro Limianismo, porque ele depende do investimento e do arrojo, não pode o autarca actual e do futuro dissociar-se da indispensável ajuda ao empreendedorismo, criando condições financeiras e de investimento optimizadas, no sentido de atrair empreendedores que arrisquem e apostem numa das melhores terras para trabalhar, investir e viver, pois aqui viver é sinónimo de qualidade de vida.

Mas obrigação maior para o autarca do presente e do futuro, dignificando as instituições que representa e em resposta à confiança manifestada pelos seus concidadãos através de sufrágio universal, não pode deixar de ser o enaltecimento e o reconhecimento público dos cidadãos de mérito e das entidades que contribuem para o desenvolvimento das respectivas localidades, sem exageros e bairrismos exacerbados.

Foi também isso que acabamos de fazer aqui, dando maior nobreza a estas comemorações.

Não se trata propriamente de premiar mas principalmente de agradecer os exemplos que recebemos deste grupo de cidadãos, aliados às entidades que hoje quisemos chamar.

Por isso, não posso deixar de fazer uma pequena mas imprescindível e mais do que justa referência a cada um deles.

Ao Senhor Dr. Domingo Pinto de Araújo, o seu exemplo de profissional e a sua dedicação às estruturas de saúde do Alto Minho e, particularmente, de Ponte de Lima, não nos deixaram indiferentes e é da mais elementar justiça a atribuição da medalha de mérito, vindo de encontro ao que há pouco referi e que diz respeito às preocupações com a área social, de que a saúde também é parte integrante.

Também na área social, com uma vida plena de dedicação aos mais desfavorecidos, em locais de acesso difícil e em que as condições de vida são tudo menos condições, com falta de meios de subsistência diariamente, o exemplo da Irmã Maria do Rosário Vaz Marinho coloca-se a par dos maiores altruístas que conhecemos, numa acção de autêntico voluntariado, dando tudo de si para os outros, na ajuda ao próximo no terreno, prestando cuidados de saúde e partilhando as desventuras que a vida designou para essas populações e contra as quais luta todos os dias anonimamente e com entrega absoluta.

O Senhor Amândio de Sousa Vieira é o que podemos designar por genuíno defensor e praticante do Limianismo, na senda de alguns dos nomes que citei quando iniciei esta alocução; soube e sabe sempre, como ninguém, fixar as imagens da sua Ponte de Lima e do concelho que lhe toma o nome, recolhe um imenso arquivo de imagens que nos surpreende sempre que a ele recorremos, intervém socialmente sempre que o momento se torna oportuno e não se coíbe de opinar e de acrescentar comentários no sentido de ver a sua Terra engrandecida. Deve-se a ele a ilustração de centenas de páginas de publicações sobre Ponte de Lima, muitas delas com a chancela do Município e outras da sua própria lavra e em co-autoria, num exemplo de vida dedicada à cultura e aos valores pontelimeses.

O Senhor José Alves Cerqueira e o Senhor Inocêncio Campelo são o autêntico e vivo modelo do sucesso no empreendedorismo, homens que partiram praticamente do zero, oriundos de famílias de escassos recursos económicos, numerosas e inseridas em meios rurais que, à época, não podiam oferecer um futuro auspicioso ou, pelo menos, que acalentasse a esperança de uma vida com mais qualidade. Não se deixando vencer, praticamente adolescentes, dedicaram-se ao trabalho, esforçaram-se, investiram, apostaram e, sobretudo, sem nunca virar a

cara à labuta, não tiveram medo. Inevitavelmente, tinham que conquistar o lugar merecido e alcançar patamares de êxito de que as descrições biográficas que ouvimos não nos deixam quaisquer dúvidas. Sublinhe-se ainda o facto de nenhum deles, pese embora as ligações óbvias às localidades que os acolheram e onde ergueram autênticos impérios empresariais, ter cortado o cordão umbilical com a terra mãe, regressando sempre, tendo aqui também residência, apoiando projectos e instituições e mantendo o seu núcleo de amizades e conhecimentos bem vivo e activo.

Não menos batalhadores são os dois jovens que reconhecemos pelo mérito desportivo, os canoístas Senhor Samuel Amorim e Senhor Rui Lacerda. Parece fácil quando lemos nos jornais, ouvimos na rádio e vemos e ouvimos na televisão que alguém conseguiu um título de Campeão do Mundo ou de Campeão da Europa, mas ser, na realidade, o melhor do Mundo ou o melhor da Europa não é apenas uma questão de talento – é trabalho, é treino, é esforço, é dedicação, é abnegação e é, acima de tudo, querer sempre mais e melhor. São também detentores de vários títulos nacionais e contribuem para um ambiente do mais saudável no seio do Clube Náutico de Ponte de Lima, servindo de exemplo para todos os jovens limianos.

Importa aqui um pequeno parêntesis para voltar ao autarca do presente e do futuro, pois os recentes êxitos que começamos a assistir em termos desportivos, em diversas modalidades, são o fruto dos investimentos feitos nos últimos anos nas estruturas desportivas. Se resulta para o desporto, tem que resultar para a formação, para a cultura e para o conhecimento. As estruturas, em termos de resultados, só podem ser medidas ao fim de anos, por vezes, pela passagem de uma ou duas gerações e é com o pensamento nesses horizontes, que podem parecer longínquos, que o trabalho tem de ser posto em prática.

Voltando aos homenageados, deixei para o final das individualidades, propositadamente, o Senhor Conde de Aurora, o Embaixador Dr. João de Sá Coutinho que, infelizmente, já não se encontra entre nós. Era um homem excepcional, respeitado por toda a comunidade e que sabia, como ninguém, ter a palavra certa no momento exacto, com um toque de graça que só um verdadeiro embaixador e um autêntico cavalheiro conseguia conciliar. Deve-se a ele, juntamente com mais dois ilustres limianos, um que hoje homenageamos aqui, o Senhor Amândio de Sousa Vieira e outro que já foi justamente homenageado com a Medalha de Mérito Autárquico, o Senhor Dr. Francisco de Abreu de Lima, o movimento que tornou possível erguer a estátua à Rainha D. Teresa, de que tanto nos orgulhamos. O Senhor Conde de Aurora era um grande amigo de Ponte de Lima e nunca deixou de apoiar o próximo, de forma anónima e desinteressada, através de instituições e campanhas de solidariedade social.

A Escola Desportiva Limiana, pese embora seja um clube desportivo, é uma escola na verdadeira acepção da palavra, pela formação de jovens e contributo para uma sociedade mais equilibrada e em que as assimetrias se desvanecem durante a prática desportiva. Aos muitos que deram o seu tempo para que a instituição chegasse ao nível a que nos habituou, não podemos deixar de agradecer e apontar como paradigma para as muitas associações existentes no concelho e que ajudam a pensar o autarca do presente e do futuro, aquele que deverá ver no associativismo e, conseqüentemente, no conhecimento e na partilha, um parceiro de excelência para o desenvolvimento sócio-cultural e, por arrastamento, económico.

A Coopalima e a Adega Cooperativa de Ponte de Lima são dois enormes exemplos do associativismo em prol da defesa da agricultura e dos produtores rurais. Trata-se de um trabalho notável realizado por ambas as instituições. A primeira que referi, num contacto directo com os agricultores, de forma autónoma ou através de parcerias, promove o apoio técnico e a elucidação dos produtores, proporcionando maiores e melhores conhecimentos em diversas áreas, desde a produção do leite à gestão agrícola, passando por questões relacionadas com a venda e distribuição e a sanidade animal. A segunda é um dos nossos maiores embaixadores, pois o vinho de Ponte de Lima é consumido nos quatro cantos do Mundo. O trabalho realizado em certames nacionais e internacionais, com a merecida obtenção dos mais altos galardões e prémios, denota uma análise detalhada dos mercados do sector e dá garantia que a Adega Cooperativa de Ponte de Lima tem o futuro garantido com os pés muito bem assentes no chão.

Por último, uma instituição cultural dedicada à música e, igualmente, à formação dos mais jovens, vindo de encontro a muitas das palavras que aqui tiveram a paciência de ouvir. Trata-se da Banda de Música da Casa do Povo de Moreira do Lima, entidade centenária com marcas incontornáveis, em termos culturais e formativos, no contexto local, regional e nacional das bandas filarmónicas. Nunca esmorecendo, mesmo que algumas dificuldades surgissem no seu percurso, o querer e a vontade destas gentes é digno do maior realce e a homenagem que hoje lhes prestamos, a todos no conjunto da instituição, muito mais do que merecida é devida.

Feitas as devidas menções e agradecimentos, depois da pequena reflexão que me permiti trazer à vossa consideração, resta-me agradecer aos agraciados terem aceite esta singela homenagem do Município de Ponte de Lima, bem como, a vossa presença nesta Cerimónia Oficial das Comemorações do Dia de Ponte de Lima.

Para todos, um bem-haja.

Uma palavra ainda para todos os limianos que estão fora, para os emigrantes que ganham a vida longe da Terra e para todos os que gostam e são amigos de Ponte de Lima.

Para terminar, nunca é demais este apelo: que o Limianismo viva sempre dentro de vós e não seja apenas uma palavra mas um exercício quotidiano colocado na prática para bem e engrandecimento de Ponte de Lima.

Muito obrigado.